

A conexão cultural galego-brasileira nos inícios da década de 1970 (1971-1974) ^[1]

M. Carmen Villarino Pardo
Universidade de Santiago de Compostela
Galabra

Apresentação: objetivos e objeto de estudo

Pretendemos estudar ^[2] as relações intersistêmicas entre um sistema literário consolidado (o brasileiro) e um outro emergente (o galego) nos inícios da década de 1970. O estado atual das nossas pesquisas limita-se, praticamente, à recolhida de materiais, em geral dispersos em revistas ou em jornais diários, por vezes publicados em enclaves galegos no exterior (como Buenos Aires). Assim, como se trata de uma das primeiras análises do *corpus* (como a de outros trabalhos que aqui se apresentam), esboçamos simplesmente alguma das vias que nos parecem possíveis.

Nessa análise do protossistema galego é *objetivo prioritário* determinar a *posição e a função das transferências* feitas pelos *produtores* e, por vezes, também da *instituição* ^[3] que funcionam no incipiente sistema literário galego desses anos.

Da produção literária em galego dos anos setenta decidimos escolher uma revista, *Grial*, da editora Galaxia, que se lança em Vigo, na sua segunda etapa, em 1963; os motivos fundamentais são a sua continuidade até aos nossos dias (com periodicidade trimestral) e a presença nela de algumas das personalidades que constituem uma elite no mundo da intelectualidade galega, quando menos no relativo à década de 1970, para além do fato de se tratar de uma revista cultural e literária.

Podemos indicar, a modo de consideração geral, que a presença do mundo lusófono nestes anos, pelo que a recolhida de material indica (revistas, jornais e livros catalogados na base de dados da *Agência Española de ISBN*, criada em 1972), não é muito abundante nem continuada. E nessa presença são mais facilmente perceptíveis as marcas lusas do que as brasileiras ou africanas de língua portuguesa.

Essas *presenças e/ou ausências* no campo cultural e no campo literário galegos é *necessário detectá-las* e, sempre que possível, tentar entender de que tipo de transferência se trata, quem faz essa transferência, o que se transfere e para quê (porque nem sempre tem a mesma

função aquilo que se transfere no sistema de origem e no sistema para o qual é trasladado); e assim, ver se essa transferência é generalizada ou se pode detectar algum grupo como responsável ou como destinatário. Isto é, se em textos publicados na revista *Grial* (como veremos) aparecem referências a um autor como Guimarães Rosa, precisamos saber se a ênfase e o modo em que é apresentado ou referido estão em consonância com aquilo que essa referência pode significar no sistema de origem; no caso, o brasileiro. Ou se um autor que não ocupa uma posição central no sistema brasileiro, pelas referências que tem ao ser incorporado como exemplo, citação, ou outra presença no protossistema literário galego aqui se entende que é um autor consagrado no sistema de origem.

O espaço social galego nos primeiros anos setenta

O período que tratamos foca ainda anos da ditadura de Franco, numa etapa de menos dureza, porque já se vislumbra o fim dum regime que se instalara em 1936, fechando qualquer possibilidade para as comunidades históricas (Catalunha, Galiza e País Basco) se tornarem autônomas e com Estatutos particulares, e com uma ausência total de liberdade e democracia.

A década de 1970 inicia-se na Galiza com um descenso de habitantes (e com menos imigrantes saindo do país), com movimentações do rural para as cidades e para as zonas costeiras, com duas cidades que crescem ao ritmo da indústria pesqueira e naval (Vigo e Ferrol), e com o nacionalismo político organizado clandestinamente em partidos, mas sem implantação social e com um ativismo cultural e intervenção em conflitos muito concretos (como as greves de operários em Vigo e Ferrol em 1972).

Com a ditadura franquista os partidos políticos tiveram que desaparecer ou re-organizar-se, foi esse também o caso do Partido Galeguista, cujos militantes saíram em parte para o exílio ou ficaram no país e tiveram que reorientar a sua atividade política e de caráter galeguista para outros espaços. Essa é a teoria que esboça um dos participantes nesse processo e referência importante neste período (co-director de *Grial*), Ramón Piñeiro. O grupo editorial Galaxia reuniu boa parte desses intelectuais e políticos, utilizando a plataforma editorial para continuar com alguns dos projetos do nacionalismo galego anterior à Guerra Civil, basicamente do Partido

Galeguista, das Irmandades da Fala, dos homens da Geração Nós e do Seminário de Estudos Galegos ^[4].

Os homens do Grupo Galaxia ^[5] envolveram-se num processo de recuperação da memória histórico-cultural da Galiza, convertendo-se em impulsionadores culturais mas também em criadores de identidade ou de reforço de identidade, esquecida e esmagada durante anos de proibições de todo o tipo. Desse modo, pode-se dizer que as tomadas de posição que, individualmente ou como grupo adotaram, estiveram orientadas em boa parte ao estabelecimento (por vezes via recuperação daquilo que já definira o galeguismo anterior a 1936) de materiais de repertório que se converteram, em boa medida, em premissas básicas. Falamos sobretudo da *defesa da língua galega* (com muitos falantes no rural mas desprestigiada em nível social, e silenciada na escola ^[6] e na administração) e *da cultura própria* (recorrendo a elementos que se consideram, ou se consideraram, identificativos: basicamente relativos ao folclore, à arquitetura — o celeiro, paços — e a defesa dos valores do rural). Nesse processo *recorre-se também a nomes* que significaram algo no processo de identificação como país, entre os quais a maioria são escritores (Rosalia de Castro, Curros Enríquez, Pondal) e alguns mortos recentemente, como é o caso de Afonso Daniel Castelao (1950).

As atividades culturais de que participam, já em inícios dos anos 70, leva-os a conferências e encontros fora da Galiza (praticamente todos os anos são convidados pelo Centro Galego de Buenos Aires na altura da celebração do Dia das Letras Galegas —17 de Maio), onde, além de imigrantes estão companheiros exilados (Luís Seoane, Eduardo Blanco Amor, Laxeiro, Noriega Varela...); assim como a manter colaboração com revistas e jornais de Madri e Barcelona, e mesmo portugueses. Neste último caso evidencia-se perfeitamente na correspondência mantida entre Manuel Rodrigues Lapa — cuja atividade galeguista vinha já do pré-guerra — e Francisco Fernández del Riego ^[7] relativa a estes primeiros anos da década de setenta.

Se entendemos a produção literária como um fato cultural, e como resultado da interação de uma série de macro-fatores que configuram uma rede sistêmica (Cf. Even-Zohar), *parece difícil falar, nos inícios dos anos setenta de um sistema literário galego plenamente configurado*. Detectamos, sim, os elementos básicos para a sua constituição, mas não em todos os casos: como

acontece, por exemplo, com o *mercado* (escasso, praticamente inexistente, e disso se queixam os intelectuais galeguistas) e as *instituições* (poucas e sem presença efetiva no sistema; apesar, por exemplo, de existir uma Real Academia Galega desde inícios do séc. XX).

Do levantamento bibliográfico (em forma de livros ou de revistas, basicamente) desses anos, percebe-se uma vontade de fazer do sistema literário um instrumento de (re-)construção de identidade por parte de alguns agentes: são poucos e praticamente sempre os mesmos; em geral, produtores literários mais também por vezes membros da instituição, consumidores eles próprios, involucrados no campo do poder; numa dinâmica endogâmica e *inter pares* que dá idéia das escassas margens desse — incipiente — sistema literário galego ou protossistema.

Na Galiza desses anos percebe-se uma próxima mudança para a democracia e talvez, com ela, a possibilidade de uma maior autonomia para povos como o galego. Na tentativa de preparar-se para esse eventual momento histórico, os agentes do galeguismo (nomeadamente de centro-direita, restos do Partido Galeguista de pré-guerra) desenvolvem uma rede de referências que passam a ser mesmo simbólicas. Detecta-se, no caso galego, uma atitude mais rudimentar, mais ingênua talvez, menos arguta do que acontece, por exemplo, no sistema literário brasileiro desses anos em que a atitude *do contra-regime* foi um fenômeno menos tradicionalista e mais urbano.

O papel da revista *Grial*

Apresentada como Revista Galega de Cultura, *Grial* é um dos elementos fundamentais de expressão da editoria Galaxia.

A impossibilidade de aparecer como revista por culpa da censura desses anos, obrigou a disfarçar a publicação de monografia durante quatro números até a sua proibição em 1952 e posterior *liberação* em 1963, graças a uma maior flexibilidade da atividade censória.

Como mais tarde afirmava Francisco F. del Riego, um dos maiores responsáveis pela revista e artífice da mesma, *Grial* reapareceu com os mesmos objetivos que já definira:

aguilloar internamente a cultura propia e facela patente fóra de Galicia, por unha banda; pola outra, incorporar ó ámbito galego, a través da lingua autóctona, os valores das demais culturas. Fronte á hipertrofia do nacionalismo estatal, imperante desde a Guerra Civil, tentábase evidenciar a apertura universal da nosa cultura.

Esses princípios pretendem orientar os diferentes apartados em que está estruturada; por isso, encontramos trabalhos (em forma de ensaio, de criação literária, de resenhas de livros, de notas informativas) que falam, entre outros assuntos, de um passado dourado para a língua galega e de um tronco comum galego-português que permite entendermo-nos lingüística e culturalmente com pessoas do mundo lusófono.

A perspectiva adotada neste tipo de textos é diversa: de artigos sobre os vínculos entre Camões e Pessoa com a Galiza, a contatos com intelectuais portugueses para organizarem jornadas dedicadas à cultura galega em Coimbra (não sem problemas), ou que se referem à codificação na escrita da língua galega. Neste sentido, cobram especial interesse algumas medidas que surgem nos inícios dos anos setenta, decorrentes da *Ley General de Educación* (1970).

A questão da língua e o ensino do galego

A publicação, em 1970, desta Lei permite que o galego, como outras *línguas nativas*, começasse a incorporar-se à Educação Pré-escolar e Primária (se bem que tenham que passar ainda alguns anos antes de que se diversifique e se visualize melhor essa presença nos *curricula*) [\[8\]](#); que surjam instituições como o Instituto da Língua Galega (em 1971) e a partir delas alguns manuais de ensino da língua galega e alguns trabalhos específicos sobre a língua e a cultura; e que, em 1974, surja a primeira Cátedra de Língua e Literatura Galegas na Universidade de Santiago de Compostela, para o professor Ricardo Carvalho Calero.

A codificação dessa língua escrita provocou interessantes debates que ainda hoje estão vigentes, já que se de um lado alguns apostavam por uma reintegração com o português, outros escolheram a via de aproximação com o espanhol. [\[9\]](#)

Vitrine de alguns desses debates que tinham lugar entre os intelectuais galeguistas nos inícios de 1970 foi, em parte, *Grial*.

A recuperação do uso da língua galega e a sua aprendizagem num espaço novo como é a escola obriga, pois, a criar *livros de texto, manuais e obras de leitura* para abrir o circuito aos possíveis consumidores. Não existe tradição deste tipo na Galiza desses anos, e surgem algumas editoras com linhas próprias (algumas galegas, mais outras de carácter estatal) para cumprir estes objetivos que preenchem, para além destes imediatos, um oco que se vinha denunciando entre alguns intelectuais galeguistas: o da *ausência de mercado para o livro em galego*. Neste caso, como também noutros sistemas (incluído o brasileiro da década de 1970), o sistema escolar que abriu mão para o livro galego-manual de língua também assegurou (sobretudo nos anos oitenta e noventa) um espaço mínimo com garantias para o livro em galego ^[10].

A presença do mundo galego-brasileiro na procura de uma identidade cultural galega

Um dos co-directores de *Grial*, Ramón Piñeiro, escreveu, por exemplo, em 1967 o artigo “Galicia nos estudos luso-brasileiros” ^[11], no qual explicava as origens da língua portuguesa na Galiza e insistia na existência de uma “comunidade cultural actual galego-luso-brasileira”. Anos depois, sem negá-la, matiza os comentários do seu amigo (como em geral das pessoas do Grupo Galaxia) Manuel Rodrigues Lapa ^[12] a propósito de um trabalho que este intitulava “A recuperação literária do galego”, em que afirmava: “tudo quanto se passa no Brasil ou para além do Minho, em matéria de língua e de cultura, não nos pode, não nos deve ser estranho, são produtos da mesma raiz e atestam a fecundidade do nosso génio criador”.

Lapa vê com pessimismo o futuro do galego, e para isso refere opiniões de escritores que recentemente se incorporaram ao campo literário galego, como Xavier Alcalá, ou do próprio Ramón Piñeiro, para além dos dados que oferece o Grupo de Trabalho Galego em Londres que elaborou o *Plan pedagógico galego*.

O texto de quem consideravam os homens de Galaxia um amigo da Galiza e um promotor dos intercâmbios culturais luso-galegos (portanto, um mediador no intersistema lusófono) é contestado pelo co-director de *Grial*, Ramón Piñeiro, no n.42. ^[13] Piñeiro resta importância ao pessimismo sobre a língua galega em 1973, e explica a Lapa que alguns galeguistas não aceitam a ideia de que o galego literário dessa época tenha que ser o português. Coloca o exemplo de

Guimarães Rosa “para percibir a presenza dun brasileiro literario que xa non é o portugués moderno” e conclui dizendo:

Tamén estamos de acordo en que esa comunidade fundamental das linguas compre mantela, no que os galegos somos mesmamente os máis interesados, porque esa comunidade é a que nos abre un horizonte inmenso de universalidade cultural dentro do ámbito lingüístico propio. Sería necio que renunciásemos a esas posibilidades de expansión cultural.

A pertença a esse universo cultural comum é explicitada também num texto de Valentín Paz-Andrade, integrado no livro coletivo *Falemos galego: antoloxía* (1973)^[14], e, de outro modo, no *Plan pedagógico galego*, lançado em 1971, de que são autores M. Teresa Barro, Xavier Toubes, Carlos Durán, M. Fernández-Gasalla e Fernando Pérez Barreiro-Nolla. Nesse livro (que também apresentam em *Grial* 32, Abril-Junho, 202-210), lemos: “O primeiro factor distintivo da situación bilingüe de Galicia é que o galego non é lingua minoritaria. É - ainda - a lingua da maioria do pobo galego, a de Portugal, Brasil, Angola, Mozambique e outros pobos de África e Asia”.

Tendo em conta que este debate se produz numa sociedade que se recupera em esferas mui particulares do seu campo do poder, há grupos de intelectuais que procuram marcas que proclamem a sua existência, e por isso resulta especialmente necessário recorrer a elementos que a sustentem, a defendam e reforcem a sua fraca (quando menos em termos de visibilidade) identidade, como pode ser o reconhecimento da existência desse espaço cultural, ou intersistema galego-luso-afro-brasileiro.

Assim, para os novos produtores literários galegos, e mesmo para aqueles que não se incorporam ao campo literário galego em inícios da década de setenta, resulta muito interessante conhecer o que fazem outros produtores em âmbitos semelhantes. Parece claro que o referente mais próximo de integração (para alguns visto como referente de oposição face ao qual diferenciar-se) era o espanhol; mas outros, como é o caso do escritor, jornalista e crítico literário Francisco Fernández del Riego procuram esse referente de reforço, ou de garantia, na literatura e na cultura brasileiras.

Por isso se sucedem alusões a notícias culturais que tenham lugar em outros pontos do exterior (quer da Europa, quer do Brasil) para informar e sobretudo, parece, para legitimar algumas das escolhas que aqui têm lugar nesses anos. Em um artigo de 1964 em *Grial* (Drummond de Andrade e a realidade do seu tempo, n. 5, Julho-Set.), Fernández del Riego fazia um retrato literário e humano de quem considerava “unha das figuras máis representativas da poesía brasileira de arestora”, o poeta de Itabira (Minas Gerais), Carlos Drummond de Andrade. Apresenta um esboço da sua trajetória literária, algumas das suas tomadas de posição, de opiniões da crítica literária brasileira sobre ele (entre os quais o nome de Paulo Rónai), e destaca de modo significativo uma constatação para a vida cultural galega:

De certo, ista figura senlleira, como outras que teñen dado rexo pulo á poesía brasileira contemporánea, é pouco conocida en Galicia. Mesmo cando os escritores galegos deberan amosarse particularmente atentes á poesía viva, crexadora, dona de valiosos recursos, que hoxe prolifera no grande país ultramarino da nosa fala.

Nas notas de apresentação menciona também Del Riego o trabalho de João Cabral de Melo Neto, como “autêntico inovador agora mesmo do verso brasileiro”. Resultam curiosas estas referências, sobretudo insistindo no de “autênticos inovadores agora mesmo”, porque se pretende que a função destas transferências (através das referências) no sistema literário galego sejam as mesmas que tiveram há anos, nomeadamente nos anos quarenta e até meados da década seguinte no Brasil, e que já não têm na época de 1964. Essa posição (e função) dos produtores indicados era *comparável*, com todas as reticências, à de um poeta galego como Celso Emilio Ferreiro (1912-1979) que cita, por exemplo, no seu poema ^[15] “Longa noite de pedra”, a primeira estrofe do poema de Drummond de Andrade “No meio do caminho tinha uma pedra”, e na abertura do mesmo livro, uns versos de Manuel Bandeira (do poema “Nova poética”).

O certo é que nesse período, o sistema literário brasileiro conhecia o vigor de um movimento de renovação poético que, desde 1956, vinha ocupando um dos centros do sistema, como era a produção de vanguarda, com movimentos como a *Poesia concreta*, o *Neoconcretismo*, a *Poesia-práxis* e João Cabral de Melo Neto e Carlos Drummond de Andrade, no seu percurso literário, tinham ficado à parte em relação a estas renovações em termos repertoriais

que Haroldo de Campos, Augusto de Campos e Décio Pignatari, entre outros, apresentaram como novas dinâmicas do sistema; junto com o trabalho dos *novos narradores* para a produção em prosa, ou dos autores do *cinema novo* para a produção cinematográfica.

De fato, um desses produtores que atingem, de uma posição vanguardista, um lugar bastante central no sistema, é o poeta, tradutor e crítico Haroldo de Campos, visitou Compostela em 1972 (como lemos em O rego da cultura, *Grial*, n. 38.^[16] A nota é breve e consideramos que merece a pena transcrevê-la, pela informação dessa conexão cultural galego-brasileira, que, em várias ocasiões, passa por Portugal (ou melhor, por Anadia, via Rodrigues Lapa):

O poeta brasileiro Haroldo de Campos esteve recentemente em Compostela, procedente de Portugal. Antes de retornar a São Paulo, onde mora, quixo peleriñar a Santiago de Compostela para satisfacer unha íntima arela de tomar contacto coa realidade galega. Mostrou interés pola nosa literatura e de modo especial pola nosa poesía, da que pensa ocuparse no futuro. Coñecía a revista GRIAL ao traveso do seu amigo o profesor Rodríguez Lapa. Prometéu colaborar nela con unhamostra da súa propia poesía e con un traballo encol da “poesía concreta”, da que é eminente cultivador.

E não só se menciona a sua presença, como, no número seguinte da revista, aparece um artigo intitulado “O concretismo verbal brasileiro”, na seção “O rego da cultura”. Não está assinado o texto, e não parece da autoria de Haroldo de Campos (cuja presença supomos se marcaria com o seu nome) e sim de Fernández del Riego, que visitou o Brasil em 1954; mas, de modo simples, faz-se uma apresentação deste movimento de vanguarda, que representa a modernidade repertorial para o sistema literário galego dessa época.

No caso de Carlos Drummond de Andrade, autor de *A rosa do povo* ou *Claro enigma*, entre outras obras de importante repercussão no sistema literário brasileiro, é de novo apresentado (com alguns erros^[17]) dez anos depois na mesma revista. No número 45 de *Grial* (Julho-Set. 1974, “Peneira dos dias”), o ensaísta Cosme Barreiros (pseudônimo de Francisco Fernández del Riego)^[18] faz uma resenha de *As impurezas do branco*, que saíra publicado no ano anterior na editora José Olympio-MEC, no Rio de Janeiro. O crítico situa C. Drummond de Andrade no segundo modernismo brasileiro, destaca a sua posição central no sistema literário brasileiro e as

variações temáticas deste novo livro de poemas do autor mineiro. A resenha crítica faz-se da perspectiva literária e não se incide, como é o caso do artigo para *Grial* 5^[19], no interesse que o conhecimento da obra deste poeta, cronista e contista pode ter para os escritores galegos, que partilham um mesmo universo cultural.

A atitude de Cosme Barreiros responde, provavelmente, às condições que experimenta o mundo cultural galego de meados dos anos 70, um pouco mais consolidado e com uma maior *naturalização* das referências que se incorporam; quando menos no caso de Drummond, já conhecido para os leitores da revista.

A função das referências a Jorge Amado e Guimarães Rosa

Quem ler naquela época algumas das seções de *Grial*^[20], tais como “A Peneira dos dias”, “O rego da cultura” ou “Notas” pode encontrar notícias como essas que indicamos. Cumprem o labor informativo e divulgador de introduzir como referentes, por vezes, produtores literários doutros sistemas, não poucas de origem brasileira (e portuguesa), para os leitores deste órgão de cultura galega. Em algum caso, mesmo encontramos pessoas que, desde a Galiza, vinculam os *três anéis da lusofonia*^[21], como acontece com Ernesto Guerra da Cal^[22], embaixador da cultura luso-brasileira nos USA^[23], ou de Valentin Paz-Andrade.

Este último, nas suas diversas facetas como político, jornalista, advogado e empresário mostrou a sua vontade galeguista de conhecer os diferentes mundos do galego. Nas diversas viagens pela América do Sul contactou emigrantes e exilados galegos (sobretudo em Buenos Aires) e fez escalas no Brasil. Fruto dessas viagens, em geral de negócios, são relações pessoais que o levaram ao mundo da Academia Brasileira de Letras, a amizades como a do poeta Guilherme de Almeida^[24], e a viagens pelo sertão brasileiro que comparou com a Galiza, e sobretudo que o introduziu no mundo de Guimarães Rosa, a quem não chegou a conhecer pessoalmente. Cumpriu, em palavras de E. Torres Feijó, o papel de *mediador* com o mundo lusófono (sobretudo com o mundo brasileiro). Acreditando nas possibilidades de um mundo de língua galego-portuguesa, Valentin Paz-Andrade propõem uma “viragem brasileirista” que é

“novidosa quando colocada por ele no centro das preocupações galeguistas, tanto mais quando Portugal é igualmente um País, como o galego, vivendo sob um regime ditatorial”.

Sobre Guimarães Rosa, comenta Paz-Andrade:

Eu viña, desde facía algúns anos, relendo a obra de Guimarães Rosa. Fixera a descuberta do xenial fabulador non directamente, como sería lóxico, dada a relación que xa mantiña con escritores brasileiros. Foi ‘Le Figaro littéraire’ o que me puxo na pista, cando foi traducido ao francés ‘Grande Sertão: Veredas’. Denantes ou despois, con pouca diferenza, a tradución alemá fora presentada en Bonn con honra tan esgrevia que o propio presidente da República asistiu ao acto. [\[25\]](#)

Explica como a obra do autor mineiro lle foi enviada por “amigos de São Paulo e Rio”; e leu-na, sabemos, durante 1974. Das súas viaxens ao Brasil e desta lectura atenta, percebeu que “Non sómente léxico, modismos, mitos, costumes, lendas, adaxios”, mas encontrou “todo un fondo socio-cultural de galegitude que sobreviviu por séculos isolado no Brasil interior”.

E máis aínda, porque explica as razóns que o levaram a continuar este traballo, pensando en convertê-lo en discurso de ingreso para a Real Academia Galega, para a cal fora nomeado numerario desde 1964 e que só comezou a traballar en inicios de 1975: “Pensei que pagaba a pena de o incorporar como un elemento prestixioso a literatura galega”. [\[26\]](#)

Essas análises presentou-nas, de modo resumido, numa sessão da Academia Brasileira de Letras, presidida por Tristão de Athaide, onde percebeu que da Galiza non coñecían practicamente nada (con excepción de Guilherme de Almeida, recentemente falecido). Foi muito bem atendido, e convidado a varios jantares con autoridades culturais, entre as cales coñeceu o crítico Paulo Ronai, o académico Afonso Arinos de Melo Franco (que contestara o discurso de G. Rosa cando ingresou na ABL), e entre outros estudiosos da obra rosiana, estaban tamén dous intelectuais fillos de galegos, Nélida Piñon e Renard Pérez. E no outono de 1975 concluiu o original de *A Galecidade na obra de Guimarães Rosa*.

Tamén nessa altura de 1974, e num libro (*Letras do noso tempo*, Galaxia), o intelectual galeguista Francisco Fernández del Riego, através de ensaios que visan a produción literaria contemporánea de varios países, dedica un apartado a “Guimarães Rosa: gran inovador da Literatura Brasileira”, e explica:

João Guimarães Rosa é un dos poucos escritores iberoamericanos cuio nome e cuisa produción son ben conocidos en Europa. Con Jorge Amado compartilla Guimarães Rosa, por outra banda, a predilección do público do seu país. Por algo este novelista é un dos grandes anovadores da moderna literatura brasileira ao lle dar carácter universal aos problemas rexionais.

Concluí de pois: “É tan moderna por veces a súa linguaxe que alabaran os seus brillos novos, aloleantes, e tan antiga que en ocasións deciríase estar léndo un galego recuadísimo”. Esta referencia é básica para os intelectuais de Galaxia que, desde a revista *Grial* ou desde o grupo cultural, queren renovar e impulsar a cultura galega. Por isso são muito importantes elementos etnográficos, antropológicos e culturais, como este vínculo que lhes permite o galego para se comunicarem com um mundo amplo, e para se reconhecerem também entre os brasileiros.

As referências ao autor de *Grande Sertão: Veredas* são frequentes nestes intelectuais galeguistas na virada dos anos sessenta para a década seguinte, e nos primeiros anos desta. Lemos referências às suas obras mais conhecidas (*Sagarana* e *Grande Sertão: Veredas*), às traduções das suas obras (para francês, alemão e espanhol, e sobre esta última, indica-nos na seção “O rego da cultura” do n. 32 de *Grial*:

O grande novelista brasileiro pode lérese hoxe en lingua castelá, ao traveso de versións dalgunhas das súas obras máis calificadas. Nembargantes, pra nós, galegos, estas versións non nos dan a medida do escritor que gostamos no idioma orixinal.

Ante as novelas traducidas nos derradeiros anos, figura esa grande obra que se titula *Gran Sertão: Veredas?* (*sic*). Non resulta doado apreciar en castelán os recursos estilísticos, a riqueza de linguaxe, o artellamento de diálogos, monólogos e escramaciós, os modismos, e mesmo ese acento tan peculiar da narración, que soio pode valorar axeitadamente o lector de fala galego-portuguesa.

O responsable pelo comentário, sem assinar, mas com certeza um dos redatores da revista (provavelmente Fernández del Riego), esclarece um dos assuntos mais destacados para entender a presença brasileira no mundo cultural galego que veicula *Grial*. Se um dos objetivos desta revista era o de dar a conhecer fatos e valores da cultura galega pondo-os em relação com os de outras

culturas, as notícias do que se faz no âmbito do nosso universo cultural são especialmente pertinentes.

Pelas páginas de *Grial*, e com o mesmo objetivo, aparecem referências a *filólogos brasileiros* (Serafim da Silva Neto - nº 33, p. 380, jul. - set., 1971, conhecido pessoal de Fernández del Riego; Celso Cunha - nº 43, p. 78, jan.-fev. 1974) os nomes de *poetas* como Murilo de Araújo (Prêmio da ABL -n. 33, , p. 383, jul. -. set. 1971), Lêdo Ivo (n. 44, , p. 254, abr.-jun. 1974), a apresentação duma nova edição do romance *A maçã no escuro* de Clarice Lispector (n. 32, abr.-jun 1971, p. 255) e a notícia do falecimento do contista José Condé (n. 34, p. 510, out.- dez. 1971).

Dessas referências, na seção de “Notas”^[27], resgatamos algumas, nomeadamente aquelas que se referem a Jorge Amado. Por quê?

No caso deste autor baiano porque, durante esses anos (e mesmo diríamos até a década de 1990), é o escritor brasileiro mais conhecido no exterior, para alguns editores e consumidores europeus (e mesmo estado-unidenses) como o *único “brazilian writer”*. Dele conhecemos, através de *Grial*, que recebeu, *ex-aequo*, “o premio de novela da Academia do Mundo Latino de París” e no n. 37 em “O rego da cultura” lemos uma parte do seu discurso de ingresso na Academia Brasileira de Letras, em 1961. Onze anos depois desse ato, a notícia é referida no âmbito cultural galego e dos trechos que se destacam^[28] aparecem as suas palavras de compromisso com o povo brasileiro, a sua defesa do homem e uma referência à sua posição no sistema literário brasileiro, e também noutros sistemas, de que é plenamente consciente:

Nunca desexéi ser máis que un escritor do meu tempo e do meu país. Non pretendín nin tencionéi enxamáis ser universal sinón sendo brasileiro e cada vez máis brasileiro. Podería decir mesmo, cada vez máis baiano, cada vez máis un escritor baiano. E si os meus libros foran felices polo mundo afora, si atoparan acollida i estima dos escritores e lectores estranxeiros, debo esa estima e ese público á condición brasileira daquelo que escribín, á fidelidade mantida pra co meu pobo, con quen adeprendín todo canto sei e de quen desexéi ser intérprete.

Tendo bem presentes as advertências do sociólogo Pierre Bourdieu a propósito da ilusão biográfica^[29], é como analisamos estas declarações de Jorge Amado, já nessa altura um autor

consagrado no sistema literário brasileiro, e um dos mais procurados pelos editores estrangeiros, sobretudo depois do sucesso do *boom latino-americano*, que esquecera a produção brasileira. Uma trajetória dilatada e a sua inclusão no que o próprio Bourdieu chama de uma posição heterônoma dentro do sistema literário, convertem Jorge Amado em um referente quase modelo para outros produtores literários; com o acréscimo dessas intenções declaradas de “querer ser simplesmente escritor do seu tempo e do seu país”. Que intelectual galeguista do início dos anos setenta não pretendia o mesmo? Quem deles não gostaria de ter uma imagem (se já não era possível uma trajetória) como a do escritor baiano?

O nome de J. Amado e as suas palavras transcritas na primeira pessoa e adaptadas para o galego funcionam, no meio de outras notícias sobre certames, presença da língua e da literatura galegas em Cuba como modelos próximos e até mesmo próprios para seguir, já que parece deprender-se o discurso de que falando da nossa terra, do nosso tempo, e com a nossa língua comum, é possível atingir uma posição de destaque mesmo em nível internacional.

Não é provável que a mitificação (quase por vezes mistificação) que figuras como Castelao exerceram sobre alguns destes intelectuais galeguistas estivesse no nível destas referências, porque se tratava de um galego quase mártir da causa galeguista; mais parece bastante evidente a carga simbólica com que se rodeiam estas referências.

Conclusões

Apesar de se tratar de uma fase ainda inicial de análise, percebemos alguns benefícios de caráter interpretativo e social que uma pesquisa como esta (no caráter mais abrangente deste projeto) pode ter. Porque não ficamos no dado concreto e quase curioso da referência, e sim tentamos ver as linhas de força que funcionam por trás dessas aparentemente insignificantes menções.

Assim, pois, observamos como Jorge Amado e Guimarães Rosa (este de modo especial pelo interesse que despertou em alguns intelectuais galeguistas conservadores) ocupam a maioria das referências brasileiras presentes nos números de *Grial* e nos livros publicados neste início dos anos setenta, não só para apresentar as suas obras, como vimos, mas também para dar notícia das traduções e do sucesso de seus livros no exterior, falar sobre os prêmios concedidos nomeadamente na França, ou sobre os especiais dedicados aos autores em revistas (também

neste caso francesas - Cf. *Grial*, n. 42, out.- dez. 1973). Não é de se estranhar essas referências ao sistema literário francês e os macro-fatores que o integram, sobretudo se temos em conta que foram editoras francesas e algum agente literário, com movimentos claros na França, aqueles que impulsionaram o chamado *boom latino-americano*, em parte um construtor desse tipo de entidades. Interesses desse tipo não devem estar alheios à presença de Jorge Amado no circuito mercantil, editorial e de consagração da parte de algumas instituições européias e francesas.

Grial faz eco a essas novas tomadas de posição que, indiretamente, também podem influenciar o desenvolvimento do emergente sistema literário galego, porque patrimonializam esses referentes brasileiros, prestigiando a produção própria em língua galega pela inovação e consagração dos elementos sistêmicos importados. Assim, pois, temos no sistema literário brasileiro, dos anos setenta, um sistema periférico, também em parte emergente, que é utilizado como modelo e como estímulo para outro sistema, este ainda mais periférico e com maiores vazios (de tradição, de referências, de modelos) que, em alguns setores, necessita, portanto, procurar a referência longe do sistema espanhol, o mais próximo e conhecido, mas também o que exerce e provoca maiores dependências.

Lembrando as palavras de Paz-Andrade, a propósito da sua escolha de Guimarães Rosa como objeto de trabalho, parece-nos ser essa a função principal destes textos e apropriamo-nos delas para dizer que essas referências que indicamos (e outras também presentes) *pensámos que merecia a pena incorporá-las como um elemento de prestígio para a literatura galega*.

[1] A norma ortográfica utilizada na apresentação deste trabalho ajusta-se à proposta da Associação Galega da Língua (AGAL).

[2] Este trabalho faz parte do Projeto “Portugal e o mundo lusófono na Literatura Galega dos últimos trinta anos” do Grupo GALABRA-USC, parte do qual subsidiado pela Junta da Galiza.

[3] Utilizamos estas etiquetas no sentido em que as utiliza o professor da Universidade de Telavive Itamar Even-Zohar (cfr. 1990, 11): trata-se de alguns dos macro-fatores que funcionam num polissistema literário.

[4] Não esqueçamos que a resistência anti-franquista é pequena, e que costuma vir da pequena burguesia (em geral, de profissões liberais).

[5] Referimo-nos, sobretudo, a Ramón Piñeiro, Francisco Fernández del Riego, Domingo Garcia Sabell, Xaime Isla Couto, Marino Dónega, Xosé Maria Álvarez Blázquez e Ramón Otero Pedrayo.

[6] O galego entra no esquema curricular só em 1982.

[7] Fernández del Riego é, sem dúvida, um dos homes máis visíveis deste grupo reduzido de intelectuais galeguistas. Muito trabalhador e sempre disposto a fazer parte de iniciativas deste tipo e muito bem relacionado com intelectuais portugueses e brasileiros. Também esteve preso na segunda metade dos anos cinquenta, ele que saíra das Juventudes do PG.

[8] Em 1971 elaboram um *Plan pedagógico galego* M. Teresa Barros, X. Toubes, Carlos Durán, etc.

[9] Foram estas últimas teses que vingaram em termos institucionais (*Normas ortográficas do idioma galego*, Fevereiro de 1970, RAG), mas sem que o assunto ficasse resolvido.

[10] A esses problemas referiram-se alguns intelectuais galegos no *Primeiro Seminario Encol do Libro Galego* (no museu Carlos Maside, em Junho de 1972).

[11] *Grial*, p. 457-59, out.- dez. 1967.

[12] Trabalho publicado previamente pelo professor português na revista lisboeta *Colóquio/Letras* 13. Foi desejo do autor publicá-lo também em *Grial*, como se verifica na correspondência mantida com F. Fernández del Riego.

[13] *Grial*, p. 389-402, out.- dez. 1973.

[14] Editado por Castrelos, na coleção ‘Pombal’, n. 10.

[15] FERREIRO, Celso Emílio. *Longa noite de pedra*. Vigo: Salnés, 1962.

[16] No n. 34 da revista, out. - dez. de 1971, publica-se um artigo de Roman Jakobson intitulado “Carta a Haroldo de Campos sobre a textura poética de Martín Códax”, p. 392-9. São anos ainda, como sabemos, da polémica estruturalista no Brasil.

[17] Por exemplo, indica que Drummond nasceu em 1902 em Itália (por Itabira-MG), p. 379.

[18] Convém não esquecermos a proliferação de pseudónimos nesses anos e neste tipo de publicação. Para além de estarmos perante um artifício habitual no campo literário, neste caso não podemos esquecer a situação de uma certa semi-clandestinidade em que vivem esses intelectuais (e políticos) e a intenção provável de diluir os nomes dos poucos implicados neste tipo de atividades, para darem a sensação de serem mais por trás desses projetos.

[19] *Grial*, p. 364-366, jul.- set. 1964. Assinado, agora sim, por Fernández del Riego.

[20] Não estão diretamente assinadas a nenhum dos redatores, mas a sua responsabilidade recaía sobre Francisco Fernández del Riego.

[21] Como poderia muito bem chamar-lhes o professor Eduardo Lourenço, que assim o fez, sem pensar na Galiza e sim na África de fala portuguesa. Cf. LOURENÇO, Eduardo. *A nau de Ícaro* seguido de *Imagem e miragem da lusofonia*. Lisboa: Gradiva, 1999. p. 161-71.

[22] Membro da equipe do Prof. Jacinto do Prado Coelho, que realizou o *Dicionário das literaturas portuguesa, galega e brasileira*: “esta obra, da que xa levan saído duas ediciós, unha en Portugal i outra no Brasil, é a primeira diste xénero na que se incorporan conxuntamente as tres literaturas irmás pola língoa” (RAMÓN PIÑEIRO. *Grial*, n. 5, p. 383, jul. - set., 1964).

[23] CARVALHO, Joaquim Montezuma de; MARQUES, Lourenço. *Grial*, n.31, p. 108, jan. - mar. 1971.

[24] Em *A galecidade* explica que conheceu Guilherme de Almeida em torno de 1950. É Almeida quem assina também a Carta prefácio ao livro de poemas de Paz-Andrade, *Sementeira de vento* (1968).

[25] Da sua mão lemos em *A galecidade na obra de Guimarães Rosa* (1978:72): “No altariño das miñas devociós literarias, xa fai anos que a imaxe e os miragres do xenio de Cordisburgo teñen candeas votivas. Mais quixera por en craro que non fixen tan ventureiro achado n-algún dos meus viaxes a aquela terra. Tampouco chegou a min pol-a mao de amigos do Brasil, aínda sendo Guillerme de Almeida un dos vetere cordis. A descuberta de Guimarães Rosa foi apañada via París, por min, e cecáis por outros moitos, da banda de cá. Por min, a ollo de seareiro do ‘Le Figaro Littéraire’. Denantes do que noutros presbiterios da cultura alí se botaron os sinos a repicar, en honra do autor de *Corpo de Baile* e de *Grande Sertão: Veredas*, cando os libros chegaron ao noso Continente, arrecendendo as tintas de Capricornio”.

[26] Grifo nosso.

[27] Outras menções, menos importantes, mais destacadas na medida em que anunciam acontecimentos muito afastados geograficamente, mas não culturalmente, aparecem também nas Notas (também é certo, que ao lado de notícias doutros lugares como a França, Itália, Portugal...): conhecemos o programa do 6º Festival de Inverno em Ouro Preto, em Julho de 1972 (n. 37), com um curso sobre o Modernismo Brasileiro; ou, no mesmo número, a montagem no Teatro Municipal do Rio de Janeiro da elegia de Luís de Camões *Por mares nunca de antes navegados* (p. 384); avisa-se da aparição da segunda edição da *Historia do Brasil de Armitage* (150 anos depois de ter sido lançada a primeira, na Inglaterra).n. 39; refere-se a comemoração dos setenta anos de C. Drummond de Andrade dentro e fora do Brasil; a

concessão do Prêmio do Instituto Nacional do Livro Brasileiro a Ariano Suassuna por *A pedra do reino* e *O Príncipe de Vai-e-Volta* (n. 41); e a apresentação da autora de *A maçã no escuro*, Clarice Lispector (n. 32), dando já para ela um destaque especial. Explica que acaba de sair uma nova edição deste romance e, apesar da brevidade do texto, condensa algumas das chaves para a leitura desta autora.

[28]

Não esqueçamos o ambiente de ditadura em que é recebida esta notícia na Galiza, e a filiação ao Partido Comunista Brasileiro de Jorge Amado, que viveu também no exílio.

[29]

Vide BOURDIEU, Pierre. *Raisons pratiques*. Sur la théorie de l'action. Paris: Seuil, 1994.